



boletim CDOC #17

EDITORIAL...

Uma vez mais convidamos-vos à leitura do Boletim do Centro de Documentação do Museu Municipal de Loulé. No 17º Boletim vai encontrar 3 artigos sobre 3 temáticas distintas; porém, com a sua visita ao local, muitas mais preciosidades do passado vai encontrar. Venha visitar-nos.

ESCOLHEMOS PARA SI...

...NO CENTRO DOCUMENTAÇÃO

O HOSPITAL DE NOSSA SENHORA DOS POBRES (BREVES NOTAS SOBRE A SUA VIDA), SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LOULÉ

Hoje designado Hospital de Loulé, o outrora chamado Hospital de Nossa Senhora dos Pobres, está intimamente ligado à comunidade louletana que, juntamente com as entidades administrativas, contribuiu, ao longo dos séculos, para a sua continuidade e desenvolvimento. Por este motivo, traçar a história desta instituição, nas suas mais variadas vertentes, tem sido uma preocupação do presente, pois conhecê-la ajuda-nos a compreender melhor a realidade sócioeconómica de Loulé, nomeadamente a partir de princípios do século XX.

De entre outras publicações, a separata de *A Voz de Loulé*, datada de 1960 e intitulada *O Hospital de Nossa Senhora dos Pobres (Breves notas sobre a sua vida)*, constitui um valioso contributo para o estudo do percurso do Hospital de Loulé. Esta separata transcreve parte do discurso proferido por Jaime Guerreiro Rua (1912-1968), Provedor da Santa Casa da Misericórdia, por ocasião da inauguração do 2.º Pavilhão Hospitalar em 4 de Setembro de 1960. Com a chancela da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, administradora do Hospital durante um longo período de tempo, esta sucinta publicação visava, segundo o Provedor "[...] recordar aos irmãos o que era o seu Hospital, quais as transformações, em meios materiais e pessoais, por que tem passado, o que ele é hoje, a acção que nele se desenvolve e quais as suas possibilidades". Para além disso, Jaime Guerreiro Rua salienta que o

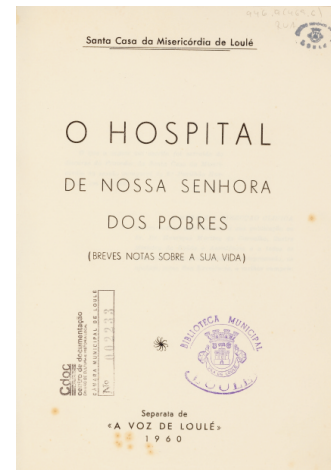
seu discurso se trata de um breve relatório destinado a todos os que têm ajudado, com donativos monetários e apoio moral, a Santa Casa da Misericórdia e o Hospital de Nossa Senhora dos Pobres. Assim, a separata divide-se em quatro partes, nomeadamente: "Pequena notícia histórica", "As actuais instalações", "Corpo clínico e outras pessoas" e "Nota descritiva da actividade hospitalar", através das quais Jaime Guerreiro Rua nos fornece um conjunto de informações o mais minuciosas possível ainda hoje tidas em conta por aqueles que se dedicam à investigação da história do Hospital de Loulé. Através dessas informações, é possível perceber quais os equipamentos que na década de sessenta passaram a constar do funcionamento do Hospital, assim como nomear algumas das figuras cuja ação contribuiu para o seu desenvolvimento e afirmação enquanto instituição. De facto, uma das vertentes mais interessantes desta publicação é a importância dada aos beneméritos do Hospital, sendo nomeados alguns dos mais ilustres louletanos, tais como João Farrajota Alves, Manuel Guerreiro Pereira e Raúl Pinto, dinamizadores do Carnaval de Loulé, cujos lucros reverteram a favor das obras do Hospital; mas também José Bernardo Lopes, Maria Francisca Mendonça Mealha, Humberto Pacheco, José Gomes Paulo, Artur Cecília, Viegas Calçadas, João de Sousa Oliveira, José Brito da Mana, Maria Amália Marreiros Guerreiro, José da Costa Guerreiro e Manuel Cabeçadas.

Contudo, para além destes nomes, o Provedor sublinha que o Hospital é obra de todos os louletanos, enfatizando a relação de proximidade entre a comunidade e o hospital. Nesse sentido, termina desta forma o seu discurso: "Encerramos este breve relatório exprimindo a convicção de que o Hospital de Nossa Senhora dos Pobres da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, não é uma construção morta e antes desenvolve, dentro das suas possibilidades, uma assistência médico-cirúrgica eficiente e completa à população do concelho. Ele justifica o carinho com que é olhado por todos os louletanos e é digno de continuar a merecer, destes e do Governo, a ajuda e o auxílio a que têm direito todas as instituições que cumprem o seu dever sem olhar a compensações ou vantagem de ordem material, isto é, com desinteressada devoção e sentido carinho pela dor alheia".

CDOC n.º 2233

18 pp.

22 x 15 cm



GAZETA DE OLHÃO, UM SEMANÁRIO EM DEFESA DE OLHÃO E DO ALGARVE

Com uma conotação especificamente regionalista, atestada pelo subtítulo *Seminário Regionalista Independente*, a *Gazeta de Olhão* foi fundada em 23 de agosto de 1951. Mais tarde, com o n.º 23, de 21 de fevereiro de 1952, passou a ser propriedade da União Nacional e o complemento do título resumiu-se a *Semanário Regionalista*.

Com uma periodicidade semanal, o jornal possuía um caráter noticioso, informativo e cultural, apresentando um conjunto de artigos que versavam sobre os mais diversos temas como o turismo, as pescas, a agricultura, o panorama cultural, a história de Olhão, entre outros. A sua direção esteve a cargo de Mário Gentil-Homem até ao n.º 23, altura em que foi substituído por João Morgado Reis. Apesar da sua curta existência, tendo publicado pouco mais de trinta números, a *Gazeta de Olhão* contou com um importante rol de colaboradores, tais como: João Trigueiros, Augusto Rocha, Antero Nobre, Hermínios Portugal, Manuel Francisco Contreiras Júnior, A. Corte Real Graça Mira, Alberto Iria, Marcos Algarve e Francisco Fernandes Lopes. O jornal possuía também um conjunto de secções regulares que lhe permitiram afirmar-se como um periódico de qualidade no contexto algarvio da época. Dessas secções, destacam-se: "Ecos" (coluna social), "Olhão em poucas linhas..." (noticiário local), "O conto da semana" (contos literários), "Cantinho literário" (rúbrica literária dirigida por António da Encarnação Dias), "Festas e Romarias" (noticiário das festividades algarvias) e "Notícias de Moncarapacho". Salientam-se também alguns artigos de maior interesse que fazem da *Gazeta de Olhão* uma fonte importante para o estudo da história de Olhão e do Algarve, nomeadamente: "Olhão Vila Branca", Antero Nobre (n.º 3, de 6-9-1951); "O problema da electrificação do Algarve, visto à luz dos interesses algarvios e olhanenses", Hermínios Portugal (n.º 3 e seguintes); "Como nasceu Olhão e se distinguiram os seus naturais no Continente, no Ultramar e no Estrangeiro (novos elementos para a sua monografia) ", Alberto Iria

(n.º 21, de 24-1-1952 a n.º 28, de 27-3-1952); "Apontamentos para a História do Município Olhanense - A primeira Câmara de Olhão", Antero Nobre (n.º 29, de 3-4-1952), entre outros. Contudo, embora a colaboração de figuras de prestígio no cenário político algarvio da época enaltescesse o jornal, esse facto contribuiu igualmente para que a União Nacional visse na *Gazeta de Olhão* um possível órgão de oposição e acabasse por se apropriar da mesma. Nestas circunstâncias, que colocavam em causa a independência pela qual o jornal primava desde a sua fundação, a *Gazeta de Olhão* acabou por extinguir-se em 17 de abril de 1952 com o n.º 31. Na hemeroteca do Centro de Documentação do Museu possuímos apenas os n.ºs 7 a 12 da *Gazeta de Olhão*, publicados entre abril e agosto de 1951. Estes exemplares pertencem ao espólio doado pelo louletano José António Madeira à biblioteca-museu da sua terra natal na década de 70 do século XX.

Para concluir transcrevemos o excerto de um artigo publicado na *Gazeta de Olhão* n.º 8, datada de 11 de outubro de 1951, no qual o então diretor, Mário Gentil-Homem, frisa a vertente regionalista do jornal, bem como o seu caráter independente:

"É com grande prazer e regozijo que estamos vendo reunir em volta de nós, num uníssono bem olhanense, pessoas de todas as categorias sociais, que, acompanhando, interessadamente a forma viril, mas correcta e leal, como vimos defendendo os problemas - que são tantos! - desta importante vila, e com aquela necessária independência inicial, que mantemos intransigentemente, nos vêm voluntariamente prestar o seu valioso concurso expondo-nos as ideias, esclarecendo problemas, e pondo outros à nossa humilde consideração."



...NA FOTOTECA

Trazemos a este número um conjunto de fotografias em esmalte proveniente do espólio do fotógrafo João Corpas Viegas. A esmaltagem de fotografias surgiu em França nos anos 1860 e foi profusamente utilizada na ornamentação de objetos pessoais como a joalheria e a relojoaria, mas, pela sua durabilidade e resistência às condições climáticas, foi no retrato tumular que esta técnica chegou até nós.

Este tipo de retrato, que implicava conhecimentos técnicos muito específicos surge na sequência da descoberta da técnica fotográfica com colódio húmido - as fotografias em esmalte eram produzidas por transferência de uma imagem em colódio para uma placa de

cobre esmaltada a branco (previamente cozida), que era depois recozida. O colódio produzia uma imagem amarelada, daí que se tenham popularizado as imagens lapidares em tonalidades sépia. Esta técnica evoluiu ao longo dos tempos e, atualmente, o colódio deu lugar a um processo mais simples.

O estúdio fotográfico de Corpas Viegas, situado na Praça da República, nº 45, era um dos mais populares entre os louletanos, os quais recorriam aos seus serviços para os elaborados retratos de estúdio, para as fotografias tipo-passe e para as tradicionais fotografias esmaltadas para as lápides tumulares. Também era solicitado para as mais diversas reportagens fotográficas, quer se tratasse de casamentos, batismos, comunhões, convívios, retratos de grupo de coletividades, etc. Para estes serviços contava com o apoio incondicional do seu filho António.

Este espólio, que integrou o acervo do museu em 2005, compõe-se também de alguns materiais fotográficos deixados pelo fotógrafo Manuel Guerreiro de Brito - proprietário do estúdio Foto Arte que laborou anteriormente na mesma morada. Quando este passou a ser propriedade de Corpas Viegas, os louletanos, acostumados a frequentar aquele estúdio, continuaram a recorrer aos mais diversos serviços que aí se prestavam. O estúdio extinguiu-se alguns anos antes da sua morte, em 2006.

Convidamo-lo a visitar o nosso museu e conhecer estes exemplares de perto.



**DIVISÃO DE CULTURA,
BIBLIOTECAS E ARQUIVO**

WWW.MUSEUDELOULE.PT

MUSEU@CM-LOULE.PT

289 41 45 36

SEG A SEX: 09H30-12H30

14H30-17H00



loulé
concelho